

IDENTIDADES ENCRUZILHADAS: o cruzo entre as identidades raciais e docentes de professores e professoras de química da cidade de Salvador-Bahia.

IDENTITIES IN BUNDLES: the cross between racial and teaching identities of male and female chemistry teachers in Salvador-Bahia.

Elton Bernardo Santos da Silva

Universidade Federal da Bahia
eltonbernardo1@yahoo.com.br

Paloma Nascimento dos Santos

Universidade Federal da Bahia
palomans@ufba.br

Resumo

O trabalho tem como objetivo compreender os cruzamentos das identidades raciais na construção das identidades docentes de um grupo de docentes em química que lecionam na educação básica, na cidade de Salvador-BA, buscando identificar as características atribuídas pelos próprios docentes acerca das suas identidades raciais e docentes e analisar as implicações desse cruzo identitário em suas experiências profissionais. Para isso, convidamos quatro docentes, dois autodeclarados negros, um homem e uma mulher, e uma professora e outro professor autodeclarados brancos, com mais de cinco anos de atuação na docência. A partir do método biográfico da História de Vida, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, que foram transcritas e analisadas por meio da metodologia da Análise Temática. Os resultados apontam o corpo como uma das dimensões que caracterizam as identidades raciais, as identidades docentes estão em constante processo de (re)construção e as identidades raciais se fazem cruzadas e influenciam nas identidades docentes.

Palavras chave: identidades negras, identidades brancas, identidades docentes, professores (as) de química, histórias de vida

Abstract

The objective of this work is to understand the intersections of racial identities in the construction of the teaching identities of a group of chemistry teachers who teach in basic education, in the city of Salvador-Ba, seeking to identify the characteristics attributed by the teachers themselves about their racial identities and professors and analyze the implications of this identity crossing in their professional experiences. For this, we invited four teachers, two self-declared black, one man and one woman, and one teacher and another teacher self-declared white, with more than five years of experience in teaching. Based on the biographical method of Life History, semi-structured interviews were conducted, which were transcribed and analyzed using the Thematic Analysis methodology. The results point to the body as one of the dimensions that characterize racial identities, teaching identities are in a constant process of (re)construction and racial identities cross and influence teaching identities.

Key words: black identities, white identities, teaching identities, chemistry teachers, life stories

Introdução

Os professores e as professoras são forjadas e conformadas profissionalmente por um conjunto de identidades sociais que se cruzam significativamente ao longo das suas vidas, fruto das múltiplas experiências ancoradas histórica, política e culturalmente. Nesse contexto, as identidades raciais e profissionais docentes são postas em centralidade e analisadas a partir das histórias de vida de professores e professoras de química.

O trabalho é resultado da dissertação de mestrado do autor e surge da necessidade de problematizar os impactos das estruturas sociais racializadas, que por sua vez produzem instituições também organizadas pelas ideologias raciais, responsáveis pela (re)produção de experiências violentas de cristalização dos lugares sociais nos quais os corpos negros são convocados a estarem posicionados. As experiências do autor como homem cis-gênero negro, gay, morador da periferia de Salvador, professor de química da educação básica e praticante das religiões de matrizes africanas, são os lugares de inspiração e motivação para o desenvolvimento desse trabalho.

O meu processo de formação inicial no curso da licenciatura em Química, na Universidade Federal da Bahia, foi marcado por inúmeras situações em que alguns docentes, colegas de curso, estudantes e gestoras da educação básica, assumiram a postura e praticavam atos de não reconhecimento da possibilidade de um jovem-homem-preto adentrar no curso de Química e se construir como professor (preto). Consciente de que tais posturas eram reproduções das fantasias coloniais, desacostumadas em presenciar homens jovens negros em lugares que não são relegados à marginalidade e às posições de inferiorização - lugares (coloniais) comuns direcionados aos homens negros - produzi um conjunto de questionamentos frutos dos processos de violências simbólicas sofridas durante a formação inicial e momentos iniciais na atuação docente como indagações iniciais motivadoras para a elaboração da dissertação.

Por que, ao longo do meu curso de formação inicial, eu-jovem-negro-periférico não era reconhecido por alguns docentes da universidade como estudante do curso de química, nem

mesmo estudante da licenciatura dessa área, campo profissional que apresenta altas taxas de estudantes negros e negras? Por que eu-jovem-preto-periférico desde as minhas primeiras idas nas escolas públicas como bolsista de iniciação à docência ou estagiário de química era reconhecido e interpelado por discentes, em sua maioria negras e negros, a priori como “estudante”, mesmo sem estar com o uniforme escolar ou confundido como estagiário das artes ou das humanidades?

A partir de contextos profissionais docentes estruturados pelo racismo e marcados por tentativas de exclusão e invisibilidades, decido melhor compreender acerca dos processos de construção das identidades raciais e profissionais docentes de professores e professoras de química. As identidades são construções sociais implicadas numa rede de sistemas que atua no plano individual e coletivo, estando demarcadamente relativas a épocas históricas, contextos culturais e simbólicos (DUBAR, 2004; 2020; WOODWARD, 2014). De acordo com o sociólogo Claude Dubar, “a identidade nada mais é que o resultado a um só tempo estável e provisório, individual e coletivo, subjetivo e objetivo, biográfico e estrutural, dos diversos processos de socialização que, conjuntamente, constroem os indivíduos e definem as instituições” (DUBAR, 2020, p. 136).

O processo de construção das identidades, por acontecer no terreno da história e da cultura, apresenta a característica da mutabilidade (DUBAR, 2004), ou seja, transmuta-se conforme os ditames e as necessidades das instituições sociais, das investidas políticas e econômicas do capital, bem como de acordo aos desejos e os projetos próprios de cada pessoa. Além disso, as identidades dizem respeito aos processos de identificações específicos das pessoas, as identificações compartilhadas e almejadas dentro de um grupo social ou mesmo identificações atribuídas externamente a um grupo de pessoas por instituições e que podem ser tanto assumidas ou rejeitadas por elas (DUBAR, 2020).

Sendo, portanto, as identidades dimensões pelas quais as pessoas se referenciam para viver, atuar profissionalmente ou mesmo construir projetos de sociedades, a pluralidade, a diferença a temporalidade, a autonomia, a resistência, relacionalidade, poder e memória, são fatores que implicam nas (re)construções das múltiplas identidades (AUGUSTO, 2011; SILVA, 2014; WOODWARD, 2014; DUBAR, 2020).

No campo da docência, existe uma pluralidade de identidades docentes que estão constantemente em processos de (re)construção, devido às rápidas transformações ocorridas no mundo social resultantes de disputas de projetos de sociedade. As identidades docentes são um “conjunto de características, experiências e posições de sujeito atribuídas (e autoatribuídas) por diferentes discursos e agentes sociais aos docentes no exercício de suas funções, em instituições educacionais mais ou menos complexas e burocráticas” (GARCIA, 2010, s.n.). Isabel Farias (2009) afirma que as identidades docentes são construídas a partir das histórias de vida das pessoas-professoras, do processo de formação profissional docente e das experiências pedagógicas desenvolvidas nos ambientes educacionais.

Revisando brevemente a história do Brasil, este país é construído a partir do movimento em exaustão e aniquilação dos corpos dos povos originários, e de africanos e africanas que foram saqueados das suas terras de origem e transformados em objetos cruciais do violento processo de colonização e escravização. A partir da noção de raça, um dos pilares da constituição do mundo moderno e ocidental (GROSFOGUEL, 2018), o Brasil se ergue como nação, opondo-se dois distintos grupos de pessoas, hierarquicamente relacionados: europeus/portugueses/brancos/colonizadores/humanos *versus* povos originários/africanos e afro-diaspóricos/indígenas/negros/sub humanos (MALDONADO-TORRES, 2018; RUFINO,

2019). Desse modo, a raça enquanto construção social (MUNANGA, 2003), dispositivo de poder responsável pelas hierárquicas relações entre brancos e não brancos (negros e indígenas), bem como pelas desigualdades sociais (CARNEIRO, 2004), é uma categoria definidora e diferenciadora de grupos sociais, sendo também referencial para as identidades raciais.

As identidades negras no Brasil são construídas com base nos dispositivos de matrizes africanas processadas e dinamizadas nas relações sociais, culturais, políticas e linguísticas estruturadas a partir do processo do sequestro das pessoas africanas para cá (LIMA, 2008). Apesar de profundas significações negativas e pejorativas elaboradas por instituições coloniais sobre as pessoas negras e suas identidades, o movimento negro reperspectivou as identidades negras considerando-as como sinônimas de afirmação política, cultural e positiva (MUNANGA, 2020).

As identidades brancas são conhecidas nos estudos críticos culturais como branquitude. “A branquitude é um lugar de privilégios simbólicos, subjetivos, objetivo, isto é, materiais palpáveis que colaboram para construção social e reprodução do preconceito racial, discriminação racial “injusta” e racismo” (CARDOSO, 2010, p. 611). A branquitude é o lugar de construção das identidades raciais das pessoas brancas, marcado por processos de vantagens sociais, neutralidade racial e padrão único de humanidade (BENTO, 2014; PIZA; 2014).

A partir da problematização sobre identidades, o objetivo deste trabalho, que é parte de uma pesquisa de mestrado é compreender os cruzamentos das identidades raciais na (re)construção das identidades docentes de um grupo de professores e professoras de química da educação básica que lecionam na cidade de Salvador-Bahia. Adicionalmente, procuramos compreender as características e os sentidos atribuídos às identidades raciais e identidades docentes dos professores e das professoras participantes da pesquisa, além de analisar as implicações do encruzilhamento entre as identidades raciais e as identidades docentes nas experiências profissionais dessas e desses docentes.

Caminhos metodológicos

A investigação acerca das identidades raciais e docentes de professores e professoras de química nesse trabalho foi desenvolvida a partir da noção epistêmica de cruzo proposta por Luiz Rufino (2019). Segundo esse autor, o *cruzo* é uma prática inspirada no signo africano exu e nas suas filosofias, que possibilita pensar e refletir o mundo priorizando os movimentos entre as diferentes lógicas e modelos de racionalização. Assim, instituindo práticas plurais e diversas no processo de produção de conhecimento ante aos esquemas monológicos e monorracionais que são características das epistemologias ocidentais (RUFINO, 2019).

Sendo as identidades construídas e atravessadas nas vidas das pessoas, partimos da perspectiva de pesquisa qualitativa proposta por Flick (2009), que considera o uso de tal pesquisa quando se busca compreender os pontos de vista das pessoas, os significados e sentidos produzidos por elas em relação a eventos e experiências a nível individual, bem como circunscritas nas relações coletivas. Optamos pelo método biográfico para estudar as vidas e as identidades dos professores e professoras, pois segundo Souza, Vicentini e Lopes (2018), as pessoas ao contarem e refletirem sobre as suas histórias, conectam as suas experiências pessoais às estruturas sociais, empoderando-se da sua própria história, produzindo

aprendizagens biográficas e construção de histórias coletivas.

A partir da metodologia biográfica da História de Vida (NOGUERA *et al*, 2017), convidamos quatro professores e professoras de química que lecionam em escolas da educação básica na cidade de Salvador-Bahia, para mergulharem em experiências pessoais/coletivas do passado, desde a sua infância até os dias atuais, com o intuito de analisar por meio das narrativas produzidas por eles e elas os cruzos entre as dimensões raciais e da profissão docente nas suas vidas. Como a cidade de Salvador é composta por cerca de 82% de pessoas autodeclaradas negras e 19% autodeclaradas brancas (IBGE, 2019), convidamos dois docentes autodeclarados negros um do gênero masculino e outra do gênero feminino, e uma professora branca e outro professor branco. Akin, Kênia, Kátia e Dimitri são os respectivos codinomes desses e dessas docentes. Além dos critérios da autodeclaração racial negra e branca, paridade de gênero, o tempo de atuação na docência em química deveria ser no mínimo cinco anos.

Devido a pandemia, a coleta de dados ocorreu virtualmente, por meio das plataformas *Google Meet* e *StreamYard*, a partir de uma entrevista semiestruturada biográfica-narrativa (Aguilar; Chávez, 2013) com cada docente. O roteiro da entrevista foi composto por 62 perguntas distribuídas em sete eixos temáticos: experiências na infância e na adolescência, trajetória escolar, trajetória profissional, experiências na graduação, experiências profissionais, relações étnico-raciais e relações étnico-raciais no ensino de química. Após realizarmos as entrevistas, transcrevemos-as e analisamos os textos produzidos a partir da Análise Temática proposta por Braun e Clarke (2006). Os temas e subtemas resultados dessa metodologia analítica estão apresentados no **Quadro 1** abaixo.

Quadro 1: Identidades Raciais e Docentes: temas e subtemas

| Dimensões da pesquisa | Temas | Subtemas |
|---|---|---|
| Identidades Raciais | Corporeidades: das características físicas aos significados sociais das identidades negras e brancas. | 1. Corpos Negros, Identidades Negras e Abebelidade nas Histórias de Vida da professora Kênia e do professor Akin. 2. Os Corpos Brancos e a Branquitude nas Histórias de Vida da professora Kátia e do professor Dimitri. |
| Identidades Docentes | Tornando-se docentes em química | 1. Formação e Atuação Docente. 2. Desafios e Dilemas da Docência em Química. |
| Identidades Raciais e Docentes em cruzo | Possibilidades em Cruzos: Ensino de Química e Relações Raciais. | 1. Ensino de Química e Relações Raciais. 2. Relações Espelhares - Abebelidade. |

Fonte: Elaborado pelo Autor e Autora

Resultados e Discussões

Os e as quatro professores e professoras referenciam as suas próprias identidades raciais negras e brancas a partir das características fenotípicas e dos significados sociais construídos à respeito dos corpos negros e brancos. O professor Dimitri diz: [...] *eu só sou branco mesmo*



por tom da pele [...] e os olhos claros. Já o professor Akin considera que [...] *acho um marcador muito forte hoje é meu cabelo e meu nariz sempre foi, né?*. De acordo com Munanga (2020) e Schucman (2014), às identidades negras e brancas, respectivamente, são fundamentadas e referenciadas a partir das características fenotípicas corporais. Sendo a cor da pele, textura e cor do cabelo, o formato do nariz e da boca, a cor dos olhos e tamanho da bunda, alguns dos marcadores corporais citados pelas professoras e professores como referenciais das suas identidades raciais.

A professora Kátia afirma que quando se coloca *“[...] como branca é que eu tô me colocando como pessoa privilegiada dentro da nossa conjuntura social [...]”*. O privilégio é um dos principais aspectos psicossociais mobilizados por Kátia para caracterizar a sua identidade branca. O processo de caracterização da identidade branca feita pela professora está de acordo com os estudos críticos culturais que nomeiam a identidade racial das pessoas brancas de branquitude (CARDOSO, 2010). A branquitude é um lugar social no qual as pessoas brancas se localizam racialmente e desfrutam as vantagens materiais e subjetivas devido aos mais de três séculos de construção de um imaginário ontológico de superioridade racial frente aos grupos não brancos, que conferiu ao grupo branco poder e privilégios nas estruturas sociais brasileiras (CARDOSO, 2010; BENTO, 2014).

O professor Dimitri, cuja ascendência familiar materna é alemã, e é uma das referências da sua identidade branca, possui também ascendência paterna de origem indígena e negra, chamadas pelo professor de “brasileiras”. A narrativa de Dimitri demonstra o processo de caracterização da sua identidade branca, que é *“[...] mais pela minha cor, por causa da facilidade da ancestralidade alemã do meu avô e minha avó, minha mãe é sangue alemão puro, mas eu me declaro branco*. Em outro momento da entrevista, o professor Dimitri afirma: *“Hoje eu tenho orgulho da minha ascendência brasileira, que ela é indígena, ela é preta, negros. Então eu tenho esse orgulho, tá? E antigamente eu não tinha, então houve uma mudança na minha cabeça nesse sentido”*. De modo ambíguo, Dimitri mobiliza a dimensão da ascendência ora materna ora paterna para se aproximar ou se distanciar do seu lugar de pessoa branca.

A perda da identificação do professor Dimitri com a brancura da sua família materna de “sangue puro” alemão representa o processo de negação, o primeiro mecanismo de defesa explicado por Kilomba (2019), que é seguido por outros quatro: culpa, vergonha, reconhecimento e reparação. A simples identificação de Dimitri com a sua ascendência “brasileira” paterna não exclui a nítida e inconfundível evidência de aspectos da brancura apresentados de forma latente em seu corpo. Schucman (2014) cita Liv Sovik que considera que ser uma pessoa branca não exclui a existência de familiares consanguíneos negros e negras, como é o caso do professor Dimitri.

A professora Kátia e o professor Dimitri apresentam em comum aspectos da branquitude crítica (CARDOSO, 2010). Lourenço Cardoso afirma existir dois tipos distintos de branquitude, crítica e acrítica. A branquitude crítica é aquela que desaprova publicamente o racismo e a branquitude acrítica apresenta como uma das dimensões a ratificação da supremacia e da superioridade branca (CARDOSO, 2010). As expressões da branquitude crítica denotadas por Kátia e Dimitri são distintas, pois há heterogeneidade no grupo racial branco (CARDOSO, 2010), porém, ambos se beneficiam da condição racial branca que lhes confere, dentre outras coisas, a não necessidade de referenciar as suas histórias individuais e coletivas a partir da categoria colonial da raça (CARDOSO, 2010; BENTO, 2014).

A professora Kênia intersecciona a sua identidade negra as normativas de gênero, reproduzindo perspectivas coloniais hipersexualizadoras que consideram o corpo da mulher negra cis como devendo ter “seios fartos e bundão”. O discurso de Kênia posiciona o corpo da mulher negra no lugar de objeto de desejo sexual e de fetiches coloniais (GONZALEZ, 1984; KILOMBA, 2019). Além disso, Kênia atribui a dimensão da ascendência africana para também referenciar a sua identidade negra. De acordo com Munanga (2020), essa professora mobiliza um dos três fatores que compõem a identidade negra, o fator histórico, quando a mesma afirma que se sente inspirada pelas histórias de superação e de luta dos seus ancestrais africanos e africanas, brutalmente violentados durante o processo de escravização no Brasil.

O professor Akin considera o corpo negro como dimensão importante na caracterização da sua identidade negra, porém consegue ultrapassar as barreiras limitantes do corpo e considera as dimensões culturais e psicológicas como também responsáveis por formar a sua identidade racial. Tanto a dimensão cultural como a psicológica, essa última especificamente relacionada ao sentimento de pertencimento ao grupo racial negro, são fatores constituinte das identidades negras discutidos por Munanga (2020). Soma-se ao fator psicológico o aspecto político, de afirmação positiva da identidade negra.

A partir das narrativas produzidas por Akin e Kênia acerca das características das suas identidades negras, emergiu no processo de análise dessas narrativas o subtema *abebelidade*. A palavra abebelidade é um conceito discutido no campo da literatura de autoria negra feminina, apresentada por Cristian Sales (2018), que afirma ser uma palavra-conceito resultante da junção das palavras abebê e ancestralidade. o abebê é um instrumento espelhar afro-diaspórico utilizado para representar a orixá Oxum. na acepção de abebelidade produzida por Sales (2018), esse espelho-leque tem como uma das funções a orientação política das mulheres negras em torno de imagens coletivas que possibilitem a (re)construção do pertencimento étnico-racial.

O professor demonstra aspectos da abebelidade da sua identidade negra quando afirma que a sua noção individual de percepção como pessoa negra está indissociada das imagens coletivas produzidas e (re)elaboradas acerca do conjunto das pessoas negras. Segue um dos trechos da entrevista que expressa a abebelidade praticada por Akin: “*Porque falar sobre pessoas negras é falar sobre mim, né?*”. Na história de vida da professora Kênia, nota-se que ela se espelha nas características dos povos africanos violentamente postos na condição de escravizados, mas que, com bravura, muita resistência e organização coletiva conseguiram se manter diante do contexto escravocrata, para dar sentido a sua identidade negra. Sendo, portanto, as dimensões histórica e afetiva relacionadas à luta pela sobrevivência dos seus ancestrais fatores constituintes da abebelidade na identidade negra dessa professora.

As identidades profissionais dos professores e professoras Kênia, Kátia, Akin e Dimitri estão em processo contínuo de (re)construção e são forjadas no cruzo entre os aspectos teóricos, seus diálogos e materialização nas práticas profissionais, especialmente no chão da escola. A formação docente, seja ela inicial ou continuada, cumpre um importante papel no processo de construção das identidades docentes (FARIAS, 2009). A desarticulação entre os aspectos teóricos e práticos compõem a formação inicial dos (as) professores (as). Para essas docentes, a formação inicial cumpriu com a função de instrumentalização dos conhecimentos químicos, pois apresentava forte característica de uma formação “burocrática” e técnica, sendo que em relação aos conhecimentos pedagógicos, muitas das abordagens eram reproduções de processos educacionais idealizados. Para as professoras Kátia e Kênia que durante a formação

inicial lecionaram em escolas da rede pública e privada, as experiências práticas adquiridas nesse período foram essenciais para a construção de sentidos do ser professora. Além do mais, a professora Kênia afirma que essas experiências também possibilitaram a construção de melhor afinidade e identificação com o próprio curso.

O professor Akin considera a sua formação inicial bastante completa, pois o currículo do seu curso contemplava articulação entre os três tipos de conhecimentos necessários para a atuação na docência em química, segundo Cassiano, Mesquita e Ribeiro (2016): conhecimentos de conteúdo, conhecimentos pedagógicos e conhecimentos pedagógicos dos conteúdos. A articulação entre esses tipos de conhecimentos influenciam diretamente na formação da identidade docente de professores e professoras de química e quando não ocorre, há a produção de identidades docentes fragmentadas, o que impossibilita a construção do conhecimento pedagógico dos conteúdos, essencial na docência em química (CASSIANO; MESQUITA; RIBEIRO, 2016).

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) cumpre um importante processo de construção das identidades docentes de Kênia e Dimitri, que atuaram durante mais de cinco anos na condição de docentes supervisores (as). O professor Akin atualmente é supervisor do PIBID e também foi bolsista durante o curso da formação inicial. Para ele, as experiências como bolsista foram fundamentais para a escolha da docência. Afim relata: “[...] Quando eu entrei no PIBID eu falei: “Não. Agora já era, né? É isso aqui que eu quero”. O PIBID possibilita um conjunto integrado de experiências que auxiliam no processo de formação inicial de licenciados e licenciadas, e continuada dos professores e professoras da educação básica, proporcionando um maior contato dos futuros e futuras professoras com as escolas, impactando na construção das identidades docentes das pessoas envolvidas (ARAÚJO, 2017).

A professora Kátia destaca a importância da formação continuada como aspecto ativo no processo de construção das identidades docentes, pois para ela *“ser professor é você está em constante formação, é uma formação continuada [...] Ser professora, construir esse pensamento mais humanizado, empático de sala de aula foi na prática, foi com os alunos, com o diálogo com o professor”*. Kátia aponta o inacabamento como característica da atuação e identidade docente. Além do mais, o papel ativo do professor ou professora em relação às escolhas formativas ao longo da carreira profissional é uma prática fundamental para o contínuo processo de (re)construção das identidades docentes, segundo Kátia. Nesse sentido, Kátia considera o posicionamento pessoal do próprio docente importante na construção das identidades docentes. Esse posicionamento que é de ordem pessoal e biográfico concorrem com fatores externos como currículos da formação profissional, currículos escolares, regulações institucionais escolares ou mesmo interpelações de colegas de trabalho (CASSIANO; MESQUITA; RIBEIRO, 2016; DUBAR, 2020).

Os e as professoras destacaram a contextualização como uma das estratégias mobilizadas em suas práticas pedagógicas, desenvolvidas de diferentes formas e sendo resultado dos seus processos de formação inicial e continuada. A intenção na qual a contextualização é mobilizada nas aulas de química desses e dessas docentes é devido ao comprometimento de aproximar os seus e as suas estudantes com os diversos aspectos envolvendo a ciência química. A interdisciplinaridade, aspecto necessário para as práticas contextuais nas aulas de química (PAZINATO; SOUZA; REGIANI, 2019) é outra característica das identidades docentes dos professores e professoras participantes da pesquisa.

O tornar-se professor e professora de química é uma tarefa de (des)continuidade, inacabamento e dependente de fatores internos e externos aos próprios professores e professoras. Em relação às dimensões internas, quando solicitado que cada um dos professores e professoras se descrevessem como docente de química, as imagens produzidas sobre si-professor/professora foram bastante heterogêneas.

Algumas das imagens citadas sobre si-docente foram “professor mediador”, “professora facilitadora e empática”, “professor crítico e reflexivo”. Muitas das imagens que os próprios docentes têm sobre si é fruto dos vários anos de experiências escolares na condição de estudantes, bem como das experiências práticas adquiridas ao longo da carreira (TARDIF, 2000). Por fim, a relação com os e as estudantes compõem uma das dimensões das identidades docentes, de acordo com Marcelo (2009) e que foi citada por todas e todos professores, e as recentes reformas curriculares promovidas pela Reforma do Ensino Médio e a Base Nacional Comum Curricular têm trazido abalos nas identidades docentes dos e das professoras, devido a diminuição da carga horária em sala, o que pode acarretar em lacunas no processo de letramento científico dos e das estudantes (SOCIEDADE BRASILEIRA DE QUÍMICA, 2021).

Nas histórias de vida dos professores Akin e Dimitri e das professoras Kátia e Kênia, identifiquei alguns elementos presentes na encruzilhada entre as identidades raciais e as identidades docentes deles e delas. Os corpos racializados e seus múltiplos sentidos chegam, saem, se invisibilizam e contornam a encruzilhada identitária em questão. Há diferenças nos modos como os corpos racializados brancos e negros se posicionam nessa encruzilhada, ou seja, Akin e Kênia, docentes negros, significam essa encruzilhada diferentemente de Kátia e Dimitri, docentes brancos. Os conhecimentos que as professoras possuem acerca das relações raciais e as noções de pertencimento raciais são cruciais para a produção, significação e compreensão da encruzilhada em questão.

A professora e o professor brancos, Kátia e Dimitri, reproduzem aspectos da branquitude crítica nas suas práticas profissionais na docência em química. Ambos desconsideram o fator racial (branco) nas atuações pedagógicas, reproduzindo o aspecto comum da branquitude que é a neutralidade racial (BENTO, 2014). Para ele e ela, a brancura e todos os significados sociais que os constituem como o poder, superioridade racial, privilégio e vantagens sociais não estão presentes no cotidiano profissional, sendo, portanto, invisibilizada enquanto dimensão influenciadora das suas identidades docentes. Os corpos brancos de Kátia e Dimitri estão presentes nas suas aulas de química, porém de modo “invisível”, tática operacionalizada pelas pessoas brancas para desfrutar das benesses que a branquitude lhes confere (PIZA, 2014).

A professora Kênia e o professor Akin incorporam as dimensões da abebelidade no cruzo das suas identidades raciais e identidades profissionais docentes. O processo de relações espelhares que ambos mantêm com seus e suas estudantes é devido às projeções de imagens mobilizadas na relação docentes negros/estudantes negras. A abebelidade como possibilidade de cruzo das identidades negras e docentes de Akin e Kênia é um fenômeno existencial e identitário fundamentado e mediado pela corporeidade negra. Nesse sentido, Akin e Kênia utilizam os seus corpos negros e dos seus e suas estudantes negras como dimensões contextuais nas aulas de química. Os símbolos corporais das identidades negras como o cabelo crespo, a cor da pele preta constituída de melanina e demais aspectos culturais como as plantas alimentícias não-convencionais (PANCS) de origem africana e biografização de

cientistas negros e negroas foram relatados pelos docentes como práticas possíveis de cruzamento das identidades negras nas suas identidades profissionais docentes.

Considerações

A História de Vida enquanto método biográfico narrativo permite a compreensão das características das identidades raciais negras e brancas, constituídas pela dimensão corporal e os significados sociais construídos acerca dos corpos negros e brancos. O mesmo método também possibilitou identificar as características das identidades docentes dos professores e professoras participantes da pesquisa, que se encontram continuamente em processo de (re)construção de acordo aos processos de profissionalização de cada docente, bem como as imagens de docência produzidas e vivenciadas pelos e pelas professoras em questão. Dessa forma, o tornar-se docente é uma marca do inacabamento do “ser” professor (a). Por fim, as identidades negras cruzam às identidades docentes dos professores negros de forma intencional e política, fazendo parte do processo de ser e atuar na docência em química, diferentemente dos docentes brancos que invisibilizam a sua branquitude no seu cotidiano profissional.

Referências

- AGUILAR, Donaldo Huchim; CHÁVEZ, Rafael Reyes. LA INVESTIGACIÓN BIOGRÁFICO-NARRATIVA, UNA ALTERNATIVA PARA EL ESTUDIO DE LOS DOCENTES. **Revista Actualidades Investigativas en Educación**, v. 13, n. 3, p. 1-27, 2003. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/447/44729878019.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2022.
- ARAÚJO, Roberto Negrão de. **A formação da identidade docente no contexto do PIBID: um estudo à luz das relações com o saber**. 2017. 165 f. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática do Centro de Exatas) - Universidade Estadual de Londrina, 2017.
- AUGUSTO, Maria Helena Oliva. TEMPO, MEMÓRIA E IDENTIDADE: algumas considerações. **Revista de Ciências Sociais**, n. 34, p. 41-72, 2011.
- BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: CARONE, Irany; BENTO, Maria Aparecida Silva (org.). **Psicologia Social do Racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.
- BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. Tradução de Luiz Fernando Mackedanz. **Qualitative Research in Psychology**, v. 3, n. 2. p. 77-101, 2006.
- CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A CONSTRUÇÃO DO OUTRO COMO NÃO-SER COMO FUNDAMENTO DO SER**. 2005. 339 p. Tese (Pós-Graduação em Educação da Universidade de São Paulo) - Doutorado, São Paulo, 2005. Disponível em: <https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/a-construc3a7c3a3o-do-outro-como-nc3a3o-ser-como-fundamento-do-ser-sueli-carneiro-tese1.pdf>. Acesso em: 7 fev. 2022.

CARDOSO, Lourenço. Branquitude acrítica e crítica: a supremacia racial e o branco anti-racista. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales Niñez y Juventud**, n. 8, v. 1, p. 607-630, 2010.

CASSIANO, Karla F. Dias; MESQUITA, Nyuara A. da Silva; RIBEIRO, Pabline Galvão. Conhecimento Pedagógico e Conhecimento Químico na Formação de Professores: a construção da identidade docente. **Química Nova**, v. 39, n. 2, p. 250-259, 2016.

DUBAR, Claude. **A crise das identidades: a interpretação de uma mutação**. Tradução de Catarina Matos. Edições Afrontamento: Porto, 2005.

DUBAR, Claude. **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais**. Tradução de ANDRÉA STAHEL M. DA SILVA. 2º ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2020.

FARIAS, Isabel Maria Sabino de *et al.* **Didática e Docência: aprendendo a profissão**. Brasília: Liber Livro, 2009.

FLICK, Uwe. **INTRODUÇÃO À PESQUISA QUALITATIVA**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, p. 223-244, p. 1984.

GROSGOUEL, Ramón. Para uma visão decolonial da crise civilizatória e dos paradigmas da esquerda ocidentalizada. In.: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón. **DECOLONIALIDADE E PENSAMENTO AFRODIASPÓRICO**. 2º ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Desigualdades por cor ou raça em Salvador, “segundo o IBGE”**. Salvador, Bahia, abril de 2019. Disponível em: http://generoesexualidade.ffch.ufba.br/wp-content/uploads/2019/04/apresenta_camara_abr19_semvideo_compressed.pdf. Acesso em: 29 ago. 2022.

KILOMBA, Grada. **MEMÓRIAS DA PLANTAÇÃO: EPISÓDIOS DE RACISMO COTIDIANO**. Tradução de Jess Oliveira. [S.l.]: Cobogó, 2019.

LIMA, Maria Batista. IDENTIDADE ÉTNICO/RACIAL NO BRASIL: UMA REFLEXÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA. **Revista FÓRUM Identidades**, ano 2, v. 3 – p. 33-46, 2008. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/forumidentidades/article/view/1742/1533>>. Acesso em: 07 jun. 2022.

NOGUEIRA, Maria Luíza Magalhães *et al.* O método de história de vida: a exigência de um encontro em tempos de aceleração. **Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João del Rei, v. 12, n. 2, maio-agosto, 2017.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In.: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón. **DECOLONIALIDADE E PENSAMENTO AFRODIASPÓRICO**. 2º ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

MARCELO, Carlos. A identidade docente: constantes e desafios. Tradução de Cristina Antunes. **REVISTA BRASILEIRA DE PESQUISA SOBRE FORMAÇÃO DOCENTE**, v. 01, n. 01, p. 109-131, ago./dez. 2009.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: **Seminário Nacional Relações Raciais e Educação**, Rio de Janeiro, 2003.

Disponível em:

<<https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-no-coes-de-raca-racismo-dentidade-e-etnia.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.

PAZINATO, Viviane Lopes; SOUZA, Franciele Drews de; REGIANI, Anelise Maria. A contextualização do ensino de química em artigos da revista Química Nova na Escola. **Scientia Naturalis**, v. 1, n. 2, p. 27-42, 2019.

PIZA, Edith. Porta de vidro: entrada para a branquitude. In: CARONE, Irany; BENTO, Maria Aparecida Silva (orgs.). **Psicologia Social do Racismo: Estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2014.

RUFINO, Luiz. **PEDAGOGIA DAS ENCRUZILHADAS**. Rio de Janeiro: Morula Editorial, 2019.

SCHUCMAN, Lia Vainer. Sim, nós somos racistas: estudo psicossocial da branquitude paulistana. **Psicologia & Sociedade**, v. 26, n.1, p. 83-94, 2014.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu. **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE QUÍMICA. **Nota da Sociedade Brasileira de Química sobre a implementação do Novo Ensino Médio a partir da BNCC**. São Paulo, 2021.

Disponível em:

<<http://www.sbq.org.br/ensino/mocoos/nota-da-sociedade-brasileira-de-quimica-sobre-implentacao-do-novo-ensino-medio-partir-da>>. Acesso em: 15 set. 2022.

SOUZA, Elizeu Clementino de; VICENTINI, P. P.; LOPES, C. E. **Vida, narrativa e resistência: biografização e empoderamento**. Curitiba: Editora CRV, 2018.

TARDIF, Maurice. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários. **Revista Brasileira de Educação**, n. 13, jan/fev/mar/abr, 2000.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu. **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.